

### O superlativo educativo

Na tarefa de motivar os nossos filhos é fácil cair na tentação do superlativo educativo. Para fortalecer a sua autoestima enchemo-los de palavras e ações superlativas: “És o mais inteligente da turma”, “És o mais bonito da festa”, “És o melhor jogador da equipa”, “És a mais simpática das tuas amigas”... Não só lhes dizemos coisas como estas, como levamos à prática esses superlativos, tratando os nossos filhos como se fossem os melhores, por exemplo, deixando-os ganhar nos jogos ou em qualquer situação quotidiana, desde acabar primeiro a sopa até chegar primeiro ao elevador.

Convertemos o seu mundo numa competição contínua na qual eles têm sempre de sair vitoriosos, porque lhes fazemos acreditar constantemente que são especiais, que são os melhores. Desse modo, pensamos, fortalecer-se-á a sua autoestima e estarão melhor preparados para a vida. Mas o que conseguimos é justamente o contrário: interiorizam a ideia de que são superiores e isso não se repercute positivamente na sua autoestima, mas numa espécie de egocentrismo ou narcisismo, atitudes que não preparam para a vida, antes os deixam desamparados perante as dificuldades.

Ao narcisismo chega-se na base de inflacionar a autoestima, de modo que o *ego* ocupa mais espaço do que lhe cabe e acaba por estalar, como um globo ao qual lhe introduzimos mais ar do que pode suportar.

A preocupação pelo aumento na juventude ocidental dos níveis de narcisismo (pensar ser-se melhor do que os outros), os quais contribuem para o aumento de problemas sociais como a violência, levou um grupo de investigadores, dirigido por Eddie Brummelman da Universidade de Amesterdão, a estudar a origem do narcisismo nas crianças. O estudo veio na revista “PNAS” (Proceedings of the National Academy of Sciences) em “Origins of narcissism in children”, Vol. 112 n.º 12, March 24, 2015 e teve eco em muitos meios de comunicação social.

O estudo mostra a primeira evidência longitudinal sobre as origens do narcisismo nas crianças. Foram postas à prova duas hipóteses: a teoria psicanalítica (o narcisismo forja-se por falta de afeto dos pais) e a teoria da aprendizagem social (o caldo de cultura do narcisismo estaria na sobrevalorização dos pais). Os resultados deram razão à teoria da aprendizagem social e contradisseram a teoria psicanalítica, isto é, o

narcisismo juvenil foi já anunciado pela sobrevalorização na infância e não por falta de carinho e afeto dos pais.

Daí que, segundo o estudo, as crianças parecem adquirir traços narcisistas em grande parte devido ao que chamamos os “superlativos educativos”, que os pais usam em demasia e que geram nos filhos ideias do tipo: “Sou superior aos outros”, “Tenho direito a reclamar privilégios”, “Os outros devem atender às minhas necessidades”...

Se o narcisismo é fruto da hipótese da aprendizagem social (a sobrevalorização dos pais), a autoestima depende do carinho e do afeto dos pais, desse apego natural que faz com que os filhos se sintam queridos e aceites, sem necessidade desse mais e melhor, que é sempre inimigo do bom.

Recordemos que os graus do adjetivo são três: positivo (pronto), comparativo (mais pronto do que) e superlativo (o mais pronto). Em educação, os dois últimos são prejudiciais: nunca devemos comparar nem sobrevalorizar. Só o primeiro serve para gerar uma equilibrada autoestima nos nossos filhos.

P. G. e C. G.

### No chat, com terroristas “não desprogramáveis”

Tem de se assumir muita serenidade para conversar com certos interlocutores. Com terroristas, por exemplo. Mas o jornalista José María Gil Garre (ou Chema Gil) fê-lo. Nas redes sociais, o novo campo onde os radicais terçam as suas armas, foi ao encontro de vários deles para entender os seus objetivos, penetrar na sua psicologia...

Explica à “Aceprensa”: “Os nomes que utilizam são os dos seus perfis. São ‘El Andalusí’, ‘Tariq’, resumindo, várias dezenas. São pessoas com vínculos às nossas sociedades e culturas, que se radicalizam, se incorporam em estruturas jihadistas, e aproveitam o conflito para implantar condutas criminologicamente relacionadas com a psicopatia. Alguém que é capaz de cortar a garganta a uma pessoa até a sangrar,

ou de disparar na nuca a duas crianças de 14 anos, não encaixaria em nenhum dos protótipos de conduta vinculados aos cenários de conflito; unicamente os mais selvagens”.

Para Chema Gil, que dirige o Departamento de Estudos sobre Terrorismo no Instituto de Seguridad Global (*Think Tank* espanhol com sede em Londres, dedicado à análise e à formação em temas de segurança e defesa), a magnitude da violência do Estado Islâmico (EI) não implica que este tenha afastado a Al Qaeda do *hit parade* do terrorismo internacional.

– A realidade é que a Al Qaeda não deixou de representar o perigo global que representou sempre. É verdade que aparece um novo ator no jihadismo internacional, mas o mais internacional continua a ser a Al Qaeda. De facto, os dois irmãos que cometeram os atentados em Paris eram pagos, treinados e doutrinados por esta. Além disso, mesmo que tendemos a separá-la do EI como se fossem fenómenos diferentes, não deixam de ser a mesma coisa: a mesma doutrina, a mesma ideologia, uma estratégia comum e, às vezes, táticas similares.

– **Embora compitam entre elas também...**

– A competição estabelece-se mais nos níveis de liderança, mas na realidade estamos a falar do mesmo. Recordemos que o autodenominado EI, antes de se chamar assim, foi designado por ‘Estado Islâmico no Iraque e Síria’, e antes, ‘Al Qaeda no Iraque’. Daí que estejamos a falar da evolução de um nome. O EI seria uma franquia que se igualou ou superou a Al Qaeda central.

– **Regressemos aos jihadistas. Refere que aqueles que cometeram as maiores crueldades são ‘não reprogramáveis’, irrecuperáveis como cidadãos pacíficos. Poderão as sociedades democráticas lidar eficazmente com pessoas assim?**

– Alguns destes indivíduos, capazes de decapitar outros seres humanos, de coisificar a outra pessoa até esse extremo, parecem-me absolutamente impossíveis de desprograma. Do ponto de vista criminológico, estamos perante indivíduos que cairiam na órbita da sociopatia ou da psicopatia. Penso que são dificilmente reintegráveis na sociedade.

– **Pode vir o dia, no entanto, em que, em virtude da lei, o indivíduo não desprograma do saia em liberdade, e volte a cometer atentados em França, em Espanha ou onde possa...**

– Deve ser construída uma resposta jurídica penal, formulada com base em avaliações científicas que, a partir da psicologia e da psiquiatria criminalista, nos digam se esse indivíduo pode ser assimilável ou não pela sociedade num determinado momento. Se o âmbito científico e académico nos dissesse que é dificilmente des-programável, teria que ser elaborada uma resposta jurídico-penal *ad hoc* que contemplasse esses comportamentos como realmente singulares, e que se adegue ao perigo que estes constituem.

– **Existe a percepção de que o desprezo pela própria vida, que – diversamente de outros tipos de terrorista – exibem os jihadistas, é o seu traço mais problemático. Será que concordam neste ponto os estudiosos do fenómeno?**

– Sim. É uma característica do proceder desses indivíduos que os singulariza em relação a outros fenómenos terroristas. O facto de desejarem morrer matando, implica um salto qualitativo que nos faz enfrentar um perigo muito maior do que outros. Quando um indivíduo é capaz de acorrer a uma praça pública para degolar outras pessoas, e fazê-lo até que chegue a polícia e o abata, é que tem uma determinação criminosa cujo limite normal, que seria a própria vida, não existe. Não tem nenhum travão moral. Que uma pessoa destas se determine para matar é um perigo que se multiplica exponencialmente. Vimo-lo em Paris, mas também em Toulouse, com Mohammed Meraz; e, em Londres, com Michael Abdebolajo, que dominou um soldado e o degolou depois. A um indivíduo disposto a matar dessa maneira, é possível que as forças de segurança o abatam, mas isso não é um travão para ele.

– **A “corte das huris” estaria à sua espera, no seu imaginário...**

– Essa argumentação tem maior relevância para nós, por curiosidade ou morbidez, do que a que pode implicar para um jihadista. Considero que não tem nenhum peso específico, e que pesa mais o conjunto da ideologia manipulada.

– **Chama-me a atenção que se confesse pessimista quanto à resolução do terrorismo jihadista. Porquê?**

– Porque, desde que irrompeu nos anos 80, o fenómeno não diminuiu, mas aumentou. Se antes se circunscrevia aos países em conflito, hoje temos expressões desta ideologia em todo o mundo. O EI tem franquias no Magreb, no Sara... Há jihadistas no Canadá, EUA, América Latina, Alemanha, França, norte da Europa, Médio Oriente, Extremo Oriente...

Além disso, os países não definiram uma estratégia global na Internet para contra programar és-ta ideologia, que faz campanha nas redes sociais. Os operadores informáticos não estão a ser obrigados a fechar páginas de Internet e a atuar com severidade, pelo que está a ser deixado um campo bastante amplo aos extremistas. E estão a multiplicar-se as modificações legislativas que afetam toda a gente, mas que não parece que afetem estas pessoas, porque continuam a proliferar.

Não, não encontro elementos razoáveis para otimismo. Os terroristas conseguiram desencadear uma conflagração global, que nada tem a ver formalmente com as que temos conhecido ao longo da História, e nos colocaram em xeque a todos.

Penso que os países não devem ser hipócritas. O terrorismo não existe como figura no direito penal internacional. Se a comunidade internacional não chegou a acordo na definição do que é o terrorismo, como delito suscetível de perseguição de modo homogéneo em todo o planeta; se não somos

capazes de estabelecer sequer uma definição penal em relação a este tema, que exercício de responsabilidade estamos a assumir perante o fenómeno?

Estamos condenados, assim, a ver como pessoas que viajaram para a Síria com o objetivo de lutar como milicianos contra um ditador, acabaram como terroristas. Al Assad pode ser um sátrapa, mas os cristãos não eram perseguidos. No Iraque, os ocidentais atacaram Saddam, e o que deixaram depois de 2003? Um disparate. Afastaram outro ditador na Líbia, mas hoje existem 300 grupos terroristas nesse país e um Estado falhado, que além do mais se converte num perigo imenso para a Europa, do qual não se está dizer nada, porque a situação na Síria e no Iraque subjugam os ocidentais, mas o perigo potencial que pode vir da Líbia é impressionante, especialmente quando a Al Qaeda e o EI estão aí presentes.

Por outro lado, nos últimos dez anos, a comunidade internacional não tem feito boas análises prospetivas, de uma estratégia de longo prazo; eram desconhecidos os atores implicados nos conflitos e não foi previsto que o jihadismo ia engordar as suas fileiras.

Temos de estudar uma estratégia global para a contraprogramação ideológica destes indivíduos pelas redes sociais, e estar conscientes de um assunto: ao desprezar sistematicamente o facto religioso –judaico, cristão, islâmico... –, está a prescindir-se de atores positivos que seriam protagonistas da solução e desacredita-se uma componente substantiva desse fundo. O facto religioso deve ser visto como elemento que ajude a resolver és-ta questão.

**– Insiste-se nos meios de comunicação e nos círculos políticos em esclarecer que o Islão não tem nada a ver com as ações do EI ou da Al Qaeda. No entanto, há um número bastante considerável de terroristas que dizem basear-se nos ensinamentos islâmicos. A que pode dever-se isso?**

– Reflitamos um pouco. As milícias cristãs que assassinaram em massa muçulmanos na República Centro-Africana, serão cristãs? Os budistas que entraram em aldeias muçulmanas na Birmânia e esfolaram os seus habitantes, serão budistas? Penso que não. Penso igualmente que os jihadistas, embora sendo milhares, não representam o Islão. Quando se fala com eles vê-se que não utilizam nenhum código ético nem hermenêutico correto.

No mundo cristão e católico temos uma referência clara na Declaração “Nostra aetate” (do Concílio Vaticano II), onde se estabelecem indicadores interessantes para o diálogo inter-religioso. Devemos tomar em consideração as iniciativas que existem a partir desses factos religiosos, para estabelecer mecanismos de encontro de confiança. O religioso ajudará à solução do problema. Desprezá-lo, prescindir dele, vai colocar-nos num âmbito de luta estritamente operativa, mas o problema de fundo não o estaremos a tratar integralmente.

**– Bastantes pessoas dizem que a Europa se foi desarmando moralmente, ao pôr de lado a componente**

**judaico-cristã das raízes da sua civilização, e que isso pavimentou o caminho para estes radicalismos. O que acha?**

– Penso que não, porque a Europa também foi islâmica em grande parte. Seguramente aquilo que temos de recuperar são os valores das três grandes religiões. Mas não podemos prescindir de sete séculos de história (islâmica) em Espanha. É absurdo, porque além disso, enquanto nós nem sequer refletimos sobre este elemento, eles utilizam-no como um elemento de reivindicação. Mas durante séculos essa religião esteve por aqui e nunca se foi embora de todo.

Não digo que a solução para o problema terrorista seja religiosa, embora devamos gerir também esses arquétipos. O terrorismo combate-se com a lei, com as forças de segurança, os serviços de informação, e com exércitos onde ele se expressa belicamente. Mas se queremos abordar uma solução, devemos encará-lo na sua complexidade e ter em conta todas as circunstâncias e conotações. Nisto, o facto religioso deve ser uma ajuda. Não pode-mos prescindir da fé de 1300 milhões de pessoas, porque umas 40 000 se dedicam ao terrorismo.

L. L.

## “Perdido em Marte”

“The Martian”

Realizador: Ridley Scott

Atores: Matt Damon; Jessica Chastain

Duração: 144 min.

Ano: 2015

Tudo começa com vários astronautas a viverem em Marte, num complexo habitacional onde se dedicam a diversas investigações. Parece possível vir a colonizar o planeta... De repente, uma tempestade inesperada obriga-os a abandonarem tudo e a voltarem à nave para regressar à Terra. No meio dessa fuga, um deles vê-se separado do grupo e ao ser dado como morto, é deixado para trás.

O filme aborda então os esforços desse ser humano na luta pela sobrevivência. Em vez de desesperar, procura resolver os problemas imediatos que estão ao seu alcance. Depois, avança para os mais complexos, como o de conseguir comunicar com a NASA. Entretanto, em Terra, procuram também ajudá-lo. A sua situação é seguida com atenção e

algumas soluções vão até surgir de trabalhadores inesperados e tidos em pouca consideração... Os seus antigos colegas de missão vão arriscar pôr a vida em jogo para o irem resgatar. Só o responsável máximo é que hesita em tomar a decisão mais correta, devido aos vários “interesses” em questão, mas os seus colaboradores mostram-lhe claramente o caminho a seguir. No final, mais do que uma lição de vida, o filme é um hino ao que de melhor é capaz a natureza humana...

#### **Tópicos de análise:**

1. Lutar por algo superior aos próprios interesses fortalece o carácter.
2. A comunicação é essencial para a realização pessoal.
3. O resultado final só se alcança conquistando as metas intermédias.

#### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

